



5.2. *El Quijote* no estado português

1. Apresentação

Na peça de estreia do dramaturgo António José da Silva (1705-1739), conhecido como «o Judeu», encontramos um dos primeiros sinais da influência e reflexo, na cultura portuguesa, da obra-prima cervantina, *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha* (1ª edição da primeira parte: Madrid, 1605; 2ª edição: Lisboa, 1605; a 2ª parte é editada pela primeira vez em 1615). Autor do chamado teatro de bonifrates (bonecos articulados), António José da Silva escreveu peças que, na época, eram designadas por óperas, pois existiam partes cantadas, tendo chegado até aos nossos dias a notação musical de diversas passagens. Estreada, pela primeira vez, no Theatro do Bairro Alto, em Lisboa, no ano de 1733, a peça em questão tinha por título *A vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*. A propósito das relações do autor de *Novelas ejemplares* com Portugal e a cultura portuguesa, e ainda sobre o fecundo diálogo da nossa literatura com a obra-prima cervantina, registre-se de passagem que merecem consulta atenta um artigo de Maria Teresa Arsénio Nunes (2005), além dos fundamentais trabalhos de Maria Fernanda de Abreu citados nesse mesmo artigo (Abreu, 1992; e outros).

São muitas, por outro lado, as edições em língua portuguesa de *Don Quijote de la Mancha*. A primeira de que temos notícia, sem indicação do nome do tradutor, data de finais do século XVIII: *O engenioso*

fidalgo Dom Quixote de la Mancha por Miguel de Cervantes Saavedra, traduzido em vulgar. Lisboa: Na typografia Rollandiana, 1794.

A par de muitas outras (por vezes adaptações publicadas em edições populares, mas não destinadas aos mais novos), duas versões da obra de Cervantes merecem realce, pois delas se encarregaram figuras de grande relevo da cultura portuguesa. De destacar, no século XIX, a do escritor ultra-romântico António Feliciano de Castilho (1800-1875) (iniciada em colaboração com o Conde de Azevedo e concluída por este e por Pinheiro Chagas): *O engenheiro fidalgo Dom Quixote de la Mancha* (2 vols.). Porto: Companhia Litteraria, 1876 e 1878 (ilustrações de Gustave Doré). Saliente-se uma outra, assinada por um dos grandes prosadores do século XX, Aquilino Ribeiro (1885-1963) – igualmente autor de obras consideradas «clássicos» da literatura infantil e juvenil portuguesa, como o *Romance da Raposa* (1924) e *Arca de Noé IIIª Classe* (1936). A referência bibliográfica da primeira edição da versão aquiliana é a seguinte: *O Engenheiro D. Quixote de la Mancha*, 2 vols.. Lisboa: Fólio, 1954 e 1955 (ilustrações de Lima de Freitas). Tanto a versão de Castilho como a do autor do *Romance da Raposa* conheceram, até aos nossos dias, diversas reedições. A de Aquilino Ribeiro, uma vez transferida para a Bertrand (uma das mais importantes e antigas editoras portuguesas ainda em actividade), foi por diversas vezes publicada por esta editora. Reproduzindo as ilustrações de Gustave Doré, uma das últimas é a seguinte: *Dom Quixote de La Mancha*. [Venda Nova]: Bertrand, 2000, colecção Estrela Polar.

Muito embora possam ter sido lidas por um público juvenil, à partida não é possível considerar estas duas versões como destinadas à infância e à juventude. No entanto, a de Aquilino Ribeiro merecer-nos-á algumas considerações, pelo facto de ter sido publicada em edições ilustradas e também pela alusão, em prefácio do tradutor, a outras versões portuguesas do *Quijote* e à sua inclusão em «bibliotecas cor-de-rosa».

Com excepção, portanto, da versão de Aquilino, decidimos excluir da primeira lista elaborada (v. ponto 2) as edições que, pelos seus aspectos paratextuais e textuais, não podem ser enquadradas no âmbito do livro para crianças e jovens. Praticamente não fazemos referência, tão-pouco, às traduções para português de adaptações originalmente publicadas noutras línguas, excepto no caso do primeiro e último títulos da lista e por razões que são explicitadas.

Contabilizamos, assim, nove adaptações em português de *Don Quijote de la Mancha*, destinadas a crianças e jovens. Dessas versões são apresentadas as respectivas referências bibliográficas acompanhadas de breves comentários. É de admitir, porém, que mais algum título do mesmo tipo tenha sido editado. A estas nove obras juntamos, como já foi dito, a versão de Aquilino Ribeiro. No mesmo apartado, fazemos também referência à tradução portuguesa de uma adaptação, a qual se encontrava no prelo no momento em que redigimos este texto. O facto de ser da responsabilidade da escritora Alice Vieira levou-nos a assumir tal opção.

No ponto 3, em Apêndice, apresentamos a lista de traduções de que temos conhecimento, e em Nota referimos uma das que, no momento da elaboração deste trabalho, se encontravam em preparação.

2. Adaptações de *Don Quijote de la Mancha* para crianças e jovens

1. *D. Quixote de la Mancha*. Lisboa: Casa Garrett Editora, 1921, colecção Biblioteca Ideal, 146 páginas.

Com um intróito de Alberto Pimentel, um retrato de Cervantes, uma notícia sobre o autor e duas aguarelas de Alfredo Moraes, esta edição constituía o primeiro volume de uma colecção com apenas três títulos onde também figuravam as *Viagens de Gulliver*,

de Jonathan Swift, e as *Mil e uma noites*. A colecção era dirigida por Henrique Marques Júnior (1881-1953), bibliotecário, escritor de livros infantis e autor de *Algumas achegas para uma bibliografia infantil* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1928), além de um dos principais adaptadores de «clássicos» na literatura portuguesa para a infância. De uma «redução [do texto] própria para fácil compreensão das crianças» (p. 39) nos fala Marques Júnior em *Algumas achegas...*, referindo-se aos propósitos e características da colecção Biblioteca Ideal e dando assim a ver os inumeráveis cortes que a obra de Cervantes sofreu na edição em apreço.

Esta terá sido a primeira – ou das primeiras – adaptações infantis do *Quijote* publicadas em português. E embora o «resumidor», como é indicado na obra, seja Bernard H. Gausseron (isto é, parece tratar-se de tradução de uma adaptação em francês), tanto o intróito como as ilustrações são de criadores portugueses. Por esse motivo, a obra é incluída na presente lista.

2. *Aventuras de D. Quixote contadas às crianças*. Lisboa: João Romano Torres & C^a Editores, 1927, 72 páginas.

Em *Algumas achegas para uma bibliografia infantil* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1928, p. 90), Henrique Marques Júnior refere que esta segunda adaptação da obra de Cervantes era o quinto volume numerado da colecção infantil Manecas e não possuía ilustrações, com excepção da da capa, onde se reproduzia um desenho de Gustave Doré. Quanto ao nome do adaptador, não é mencionado. O escasso número de páginas – se o compararmos com o do original – mostra claramente que se tratava de versão muito simplificada.

3. *As Aventuras de D. Quixote contadas às crianças*. Porto: Livraria Lello, Lda., 1935, colecção Contos para Crianças, 123 páginas.

Com formato de 16x10,5, e encadernação a percalina com capa de resguardo a cores, como era próprio da colecção em causa, esta

edição exhibe ilustrações a cores e a preto e branco da autoria de Laura Costa (uma das mais populares e activas ilustradoras portuguesas da época) e o texto encontra-se impresso em caracteres relativamente grandes. A adaptação é assinada por F. J. (Francisco José) Cardoso Júnior, cujo nome surge na capa, não havendo qualquer referência a Cervantes, nem mesmo na página de rosto. O autor do *Quijote* apenas é mencionado nas primeiras linhas do capítulo de abertura: «Chamava-se D. Quixote um fidalgo que viveu há mais de trezentos anos numa aldeia do sul da Espanha. Conta-nos as suas aventuras um grande escritor, que se chamou Miguel Cervantes Sàvedra.» (p. 5).

Nos vinte curtos capítulos, privilegiam-se os episódios anedóticos, prescindindo-se das narrativas analépticas e das narrativas encaixadas produzidas por narradores intradieéticos, rasurando-se as divagações moralizantes e eliminando-se numerosas personagens secundárias. A acção avança de forma rápida e são reduzidas ao mínimo as longas tiradas das personagens na obra de Cervantes. Escrito em linguagem simples e escorreita, o texto, de frases e períodos breves, confere relevo aos diálogos.

Atendendo ao elevado número de títulos da colecção Contos para Crianças – em que a adaptação de clássicos era uma regra – e à importante editora que a publicava, é provável que esta tenha sido uma das principais adaptações infantis do *Quijote* em circulação entre os anos 30 e 50 do século XX.

4. *Dom Quixote de la Mancha*. Porto: Educação Nacional, 1938, colecção Juventude, nº 16, 271 páginas.

No catálogo da Biblioteca Nacional (Lisboa), esta edição – que não tivemos possibilidade de consultar – refere tradução de João Meireles. Tratando-se de uma obra com 271 páginas, e tendo em conta a colecção em que se insere, não haverá dúvida em classificá-la como uma adaptação para jovens.

5. *Dom Quixote de la Mancha*. Porto: Educação Nacional, 1941, coleção Juventude, nº 5, 271 páginas.

Trata-se de uma reedição do texto referido no ponto 4, acompanhado agora de um ensaio preambular de Mário Gonçalves Viana (1900-1977), pedagogo e escritor. Refere «adaptação e resumo» de João Meireles.

6. *Dom Quixote de la Mancha*. Lisboa: Portugália, s.d. [1953?], coleção Biblioteca dos Rapazes, nº 16, 288 páginas; 2ª ed., s.d. [1953?]

Com formato 19x12, esta é, porventura, uma das mais importantes adaptações portuguesas do *Quijote* para jovens. Em primeiro lugar pela circunstância de a edição incluir ilustrações com valor artístico, a preto e branco, de um nome maior da banda desenhada e da ilustração portuguesas dos anos 50 e 60: Eduardo Coelho, também conhecido por E. T. Coelho. De registar ainda o facto de a obra ser publicada por uma das mais prestigiadas editoras portuguesas generalistas das décadas de 50 a 70 do século XX: a Portugália. Assinale-se, por outro lado, o renome da coleção em que a obra foi integrada: a Biblioteca dos Rapazes, a qual, a par da Biblioteca das Raparigas e da Biblioteca das Crianças, constituiu uma das mais interessantes colecções de livros infantis e juvenis que, nos anos 50 e 60, foram editadas em Portugal (nela se publicaram obras de Swift, Mark Twain, Fenimore Cooper, Anne Sewell, entre outros). De referir, por último, e apesar dos cortes, a qualidade de escrita do texto, que é precedido de nota de uma página, em caracteres pequenos, sobre a vida e obra de Miguel de Cervantes Saavedra.

A edição consultada para o presente trabalho é a 2ª e não possui data. A ilustração da página 9, contudo, surge datada de '53, o mesmo acontecendo com um folheto solto, de publicidade às várias colecções da Portugália, inserido no livro. Isto leva-nos a

pensar que ambas as edições, a 1ª e a 2ª, datam do mesmo ano: 1953. Na folha de rosto da edição consultada, pode ler-se que a autora da tradução e adaptação é Maria Ponce, pseudónimo da tradutora Branca Rumina (1898-1988).

7. *Dom Quixote de la Mancha*. Lisboa: Portugália [imp. 1966], coleção Biblioteca dos Rapazes, nº 16, 338 páginas.

Uma pesquisa na PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos dá conta desta outra adaptação da obra de Cervantes, publicada pela mesma editora referida em 6, na mesma coleção e com o mesmo número (o 16), treze anos após a edição anterior. O livro refere: «vertido do castelhano e adaptado por Pedro da Silveira», ou seja, a responsabilidade da adaptação pertence ao conhecido poeta e tradutor de poesia açoriano Pedro da Silveira (1922-2003) – também crítico, estudioso da literatura e erudito –, o que por si só oferece alguma garantia de qualidade, no plano da escrita.

Ver comentário anterior, em especial a propósito da importância da Biblioteca dos Rapazes.

8. *D. Quixote de la Mancha*. Lisboa: Vega, s.d., coleção Vega Juvenil, 268 páginas.

Uma pesquisa na PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos permite verificar que esta edição ilustrada reutiliza, com a chancela de outra editora, o texto de Maria Ponce referido no ponto 5. A catalogação aponta como data provável de publicação a década de 50 [195-]. Tratase, obviamente, de um erro, na medida em que, nesta década, não existia ainda a Editorial Vega, a qual haveria de ser constituída, já nos anos 70, por Assírio Bacelar, após a saída da editora que ajudara a fundar: a Assírio & Alvim, de Lisboa.

9. *D. Quixote de la Mancha*. [Venda Nova]: Bertrand, 2000, colecção Estrela Polar, 848 páginas, ISBN 972-25-1133-5.

Esta é uma das mais recentes reedições da famosa tradução levada a cabo pelo escritor português Aquilino Ribeiro (1885-1963), inicialmente publicada, em dois volumes, em 1954 e 1955, e reeditada pela Bertrand em 1959 (data que figura no *copyright*). Os desenhos que aqui se reproduzem são os de Gustave Doré gravados por H. Pisan, que já figuravam, no século XIX, na primeira edição da versão de António Feliciano de Castilho. Nas páginas 2 e 3, é reproduzido o «Mapa de uma parte do Reino de Espanha que compreende as paragens por onde andou D. Quixote, e os sítios das suas aventuras delineado por D. Tomaz Lopez, Geógrafo de S[ua] M[ajestade], segundo as observações feitas in loco por D. Joseph de Hermostilla, capitão de Engenheiros».

Como afirmámos na Apresentação, não se trata de uma edição para crianças e jovens, muito embora seja provável que alguns adolescentes da segunda metade do século XX (e em particular nos anos 50 e 60) tenham contactado pela primeira vez com a obra de Cervantes através desta versão – para o que contribuíram seguramente as ilustrações do pintor Lima de Freitas na 1ª edição e as de Júlio Pomar na 2ª. A reedição de 2000, graças aos desenhos de Gustave Doré, poderá igualmente conquistar franjas de um público juvenil.

O texto é antecedido de um prefácio do tradutor, a vários títulos interessante e revelador. Aquilino aponta defeitos à versão de Castilho e a outras («A pudibundaria de Castilho tolheu-o de ser exacto.», p. 7). Crítica, por outro lado, as versões simplificadas do texto de Cervantes e a sua inclusão em colecções populares, em cujo âmbito poderiam situar-se as diversas colecções infantis e juvenis em que outras adaptações foram publicadas: «Mais grave é a falta de respeito pelo carácter da elocução, tendo-se obrigado a uma brancura de palavras que atraíam o texto na essência e na forma. *D. Quixote* não é livro, convenhamos, que se possa enfeudar a qualquer Biblioteca cor-de-rosa para que seja legítimo supô-

lo com direito a curso universal, circulando em todas as mãos e entrando em todas as casas. Nunca Cervantes cobiou tal pauta alfandegária. A própria *Bíblia* a não goza, ou, se goza, é indevidamente. Questão de inocuidade, já se deixa ver.» (p. 7).

O tradutor, porém, «não pode ser mais papista que o Papa» (p. 7), afirma também Aquilino, e logo a seguir dá conta das liberdades que assumiu, incluindo a surpreendente atitude de corrigir aquilo a que chama as «entorses» (p. 9) da escrita cervantina. O leitor conhecedor da prosa de Aquilino facilmente reconhece, nesta versão, o timbre característico da sua linguagem e o pitoresco do seu estilo sempre rico e, ele próprio, marcado por traços barrocos. Por estas e outras razões, o trabalho do autor de *A Casa Grande de Romarigães* só pode ser classificado como uma *tradução/adaptação*.

Partilha desta opinião José Bento (2005: 4), poeta e um dos mais experimentados e qualificados tradutores portugueses de literatura em língua castelhana, que ultima em 2005 uma nova tradução do *Quijote* (v. Nota ao ponto 3): «O trabalho que Aquilino Ribeiro fez é uma versão e relativamente livre. Não segue o texto linha a linha. Afasta-se, corrige Cervantes na tal repetição de palavras que, para mim, é um dos maiores encantos do texto – aquele murmurar... a gente ouve como se estivesse a pensar. Parece que Cervantes nos está a falar ao ouvido e a dizer coisas despreocupadas, quase a inventar o romance. Não se preocupa em ser brilhante. Quer ser liso, conta como se estivesse a falar connosco.»

Seja como for, o monumental trabalho de Aquilino ficará como um palimpsesto, uma escrita – inconfundível – sobre a escrita do genial Cervantes, por quem o autor de *Romance da Raposa* nutria uma evidente admiração.

10. *O meu primeiro Dom Quixote*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

Tradução, por Alice Vieira, de uma adaptação do *Quijote* que, no momento da redacção do presente texto, se encontrava ainda no prelo.

3. Apêndice

Edições de *Dom Quijote de la Mancha* em banda desenhada (comics)

D. Quixote de la Mancha. (Desenhos, adaptação e fotografia de A. Albarrán e A. Perera). Porto: Edinter, 1982, 3 vols. (Sem indicação de tradutor. © Ediciones SEDMAY, S. A. – Madrid – España).

Lista bibliográfica de edições em português de *Don Quijote de la Mancha* não destinadas ao público infantil e juvenil

O engenhoso fidalgo Dom. Quixote de la Mancha por Miguel de Cervantes Saavedra, traduzido em vulgar. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1794.

Historia de D. Quixote de la Mancha por Miguel de Cervantes de Saavedra. Edição enriquecida com gravuras. Lisboa: Typographia Universal, 1853.

O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha por Miguel de Cervantes Saavedra. (Tradutores: Vizcondes de Castilho e de Azevedo). Lisboa: Imprensa da Companhia Litteraria, 1876, vol. primeiro.

O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha por Miguel de Cervantes Saavedra.

(Tradutores Vizcondes de Castilho e de Azevedo e M. Pinheiro Chagas, com desenhos de Gustavo Doré, gravados por H. Pisan). Lisboa: Imprensa da Companhia Litteraria: 1878, vol. segundo.

(Reedições: Porto: Livraria Chardron, 1929; Lisboa – Porto: Aillaud e Lello, 1933; Lisboa: Círculo de Leitores, 1978-1979, 4 vols.; Mem Martins: Europa-América, colecção Livros de Bolso Europa-América, [198-], 4 vols.).

O engenhoso fidalgo D. Quichote de la Mancha por Miguel de Cervantes Saavedra. (Tradução do Visconde de Benalcanfor e Luis Breton e Vedra). Desenhos de Manuel de Macedo, gravuras de D. José Severini. Lisboa: Editor-proprietário Francisco Arthur da Silva, 1877; 2ª edição, Lisboa: Livraria Editora, 1930.

O engenhoso fidalgo D. Quichote da Mancha por Miguel Cervantes de Saavedra. (Tradução de D. José Carcomo). Ornado com gravuras e impresso a cores. Lisboa: Biblioteca de Instrução, [1888].

Dom Quixote de la Mancha. Lisboa: Guimarães & Cª, 1905, 2 vols.

D. Quixote de la Mancha: Folhetim d'a Lucta. Lisboa: Typographia da Empreza de Propaganda Democrática, 1913, 2 vols.

As melhores aventuras de D. Quixote de la Mancha. Lisboa: Empresa Literária Universal, [194-]. (Versão reduzida, 206 páginas.)

O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha. (Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952.

O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha (Traduzido por Aquilino Ribeiro e ilustrado por Lima de Freitas). Lisboa: Edições Artísticas Fólio, 1954-1955, 2 vols.

D. Quixote de la Mancha. Lisboa: Livraria Editora Guimarães, 1956.

O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha (Traduzido por Aquilino Ribeiro e ilustrado por Júlio Pomar). Lisboa: Bertrand, 1959-1960, 2 vols..

D. Quixote de la Mancha (Traduzido por Aquilino Ribeiro). Lisboa: Bertrand, 1967.

Dom Quixote de la Mancha (Tradução de Adelino dos Santos Rodrigues). Lisboa: Minerva, [1967], colecção Biblioteca Popular Minerva, 4 volumes.

O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha (Tradução revista por S. Pinto). Genève – Lisboa: Éditions Ferni – Edição Amigos do Livro, s.d.

O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote da Mancha (Tradução de Daniel Augusto Gonçalves). Porto: Livraria Civilização, 1978.

Dom Quixote (Tradução: Albertina de Sousa). Lisboa: Clássica Editora, 1991.

D. Quixote de la Mancha. (Versão de Aquilino Ribeiro; ilustrações de Gustave Doré). [Venda Nova:] Bertrand, 2000, colecção Estrela Polar.

O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha. Mem Martins: Europa-América, 2004, colecção Clássicos.

José António Gomes
(Instituto Politécnico do Porto/LIJMI)

Sara Reis da Silva
(Universidade do Minho-Braga/LIJMI)

Nota

No momento em que ultimamos o presente trabalho, é pública a informação de que se encontram em preparação novas traduções portuguesas de *Don Quijote*, designadamente uma, da autoria de José Bento, a publicar, ainda em 2005, pela editora Relógio d'Água, de Lisboa.

Referências bibliográficas:

- Abreu, Maria Fernanda de, *Românticos portugueses por caminhos de Dom Quixote* (Tese de doutoramento em Literaturas Românicas Comparadas apresentada à Universidade Nova de Lisboa), Lisboa: 1992.
- Bento, José, «Cervantes conta como se estivesse a falar connosco» (entrevista conduzida por Joana Gorjão Henriques), *Público*, Lisboa: 2005, 16/1, p. 4.
- Marques Júnior, Henrique, *Algumas achegas para uma bibliografia infantil*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1928.
- Nunes, Maria Teresa Arsénio, «D. Quixote: triste, cansado, solitário, mas honrado, o «cavaleiro da triste figura» era um leitor compulsivo. Ai, no se mue-ra!...»,
http://www.iplb.pt/pls/diplb!/get_page?xid=1654,25/3/05.
- Postigo, Maria Josefa, «Os provérbios de *Don Quijote de la Mancha* nas traduções em Português»,
http://www.geocities.com/ail_br/osproverbiosdonquixote.htm,25/3/05.